

Entre o Suporte e a Intrusividade: Comportamentos interativos maternos e paternos e regulação emocional da criança em idade pré-escolar

Ana Raquel Araújo



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Ana Raquel Araújo

Entre o Suporte e a Intrusividade: Comportamentos interativos maternos e paternos e regulação emocional da criança em idade pré-escolar

Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Ana Raquel Araújo

Entre o Suporte e a Intrusividade: Comportamentos interativos maternos e paternos e regulação emocional da criança em idade pré-escolar

Dissertação de Mestrado em Psicologia
Clínica na Infância e na Adolescência
Grupo de Investigação em Bebés e Crianças

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Carla Martins

Maio de 2025

Índice

Agradecimentos 2

Resumo 5

Abstract 6

Introdução 7

Método 11

Participantes 11

Instrumentos 11

Dados sociodemográficos 11

S*caffolding* Parental e Intrusividade Materna e Paterna 11

Regulação emocional da criança 13

Procedimento 14

Resultados 14

Análise de componentes principais (dimensões) do sistema de avaliação de *scaffolding* parental 14

Análises descritivas das dimensões das figuras parentais 15

Análises descritivas das dimensões das figuras parentais de crianças do sexo masculino/sexo feminino 16

Correlações entre as dimensões das figuras parentais 16

Correlações das dimensões maternas e paternas em famílias cuja criança é sexo masculino/feminino 17

Correlações entre as dimensões maternas e paternas e as subescalas de regulação emocional da criança 18

Correlações entre as dimensões maternas e paternas e as subescalas que medem a regulação emocional da criança do sexo masculino/feminino 19

Discussão 20

Limitações e pontos fortes 24

Referências 26

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram significativamente para o meu sucesso ao longo do percurso académico.

Em particular, agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Carla Martins pela sua disponibilidade, apoio e encorajamento, pela dedicação e pelos ensinamentos preciosos no âmbito da investigação científica. Expresso também o meu agradecimento às minhas colegas do grupo de investigação, que sempre demonstraram interesse no meu trabalho e criaram um ambiente de colaboração e entreajuda, que me incentivou a trabalhar mais e melhor. Um agradecimento especial à Leonor e à Sara, pela colaboração no processo de acordo inter-observadores, e à Carolina Araújo cujo apoio foi fundamental em vários momentos deste processo.

À minha mãe, manifesto a mais sincera gratidão pela dedicação e apoio constantes, especialmente nos momentos mais desafiantes, bem como por me proporcionar sempre acesso à melhor educação possível e por me dar a oportunidade de concluir uma formação no ensino superior. Agradeço também ao meu namorado pela paciência, compreensão e apoio emocional durante os períodos mais difíceis e stressantes, assim como aos meus amigos, por toda a ajuda e encorajamento ao longo da elaboração desta dissertação.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Assinatura:

Raquel Araújo

Braga 16/06/2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição
CC BY

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

Raquel Araújo
Braga, 16/06/2025

Entre o Suporte e a Intrusividade: Comportamentos interativos maternos e paternos e regulação emocional da criança em idade pré-escolar

Resumo

Este estudo investiga a relação entre *scaffolding* (suporte) e intrusividade parentais - materna e paterna - e regulação emocional das crianças em idade pré-escolar, considerando também o possível efeito moderador do sexo da criança. Com este objetivo foi desenvolvido um sistema observacional de codificação dos comportamentos interativos parentais numa tarefa de jogo livre com blocos, a partir da adaptação de sistemas já existentes. Este estudo contou com a participação de 30 crianças com desenvolvimento típico, com idades entre 53 e 60 meses, e as suas figuras parentais, recrutadas em instituições pré-escolares no norte de Portugal. Os resultados revelam que a relação entre comportamentos interativos parentais e regulação emocional da criança variam consoante o sexo da figura parental e da criança. A intrusividade está associada a pior regulação emocional independentemente do sexo da criança e da figura parental e o suporte à agência a melhores resultados, sobretudo em díades figuras parental-criança de sexos opostos. A estruturação da atividade, materna e paterna, mostrou-se irrelevante para a regulação emocional da criança. Assim, destaca-se a importância de incluir ambas as figuras parentais nas investigações sobre desenvolvimento socioemocional da criança, desafiando a abordagem tradicional que posiciona a mãe como promotora única deste tipo de desenvolvimento.

Palavras-chave: *Scaffolding* paterno e materno, intrusividade, regulação emocional

Navigating Support and Intrusiveness: Maternal and paternal interactive behavior and child's emotion regulation during early childhood

Abstract

This study investigates the relationship between parental scaffolding (support) and intrusiveness — both maternal and paternal — and emotion regulation in preschool-aged children, while considering the potential moderating effect of the child's gender. To this end, an observational coding system of parental interactive behaviors was developed, based on adaptations of existing systems, to code parent-child interactive behaviors during a free play task with blocks. The study included 30 typically developing children, aged between 53 and 60 months, and their parental figures, recruited from preschool institutions in northern Portugal. Results show that the relationship between parental interactive behaviors and children's emotion regulation varies depending on the gender of both the parent and the child. Intrusiveness was associated with poorer emotion regulation, regardless of child's or parent's gender, while support for child agency was linked to better outcomes, particularly in parent-child dyads of opposite sexes. No significant correlations were found between structuring the activity, by either mothers or fathers, and child's emotion regulation. These findings highlight the importance of including both parental figures in research on children's socioemotional development, challenging the traditional approach that positions the mother as the sole promoter of this aspect of development.

Keywords: Maternal and paternal scaffolding, intrusiveness, emotion regulation

Introdução

Comportamentos interativos parentais

A literatura evidencia que as crianças vão adquirindo competências ao longo da infância, competências estas que desenvolvem no seio de interações com indivíduos que possuem capacidades mais avançadas que as suas, permitindo que se tornem gradualmente mais independentes por meio da aprendizagem dos comportamentos observados (Bernier et al., 2010). As figuras parentais são muito importantes durante a infância e a idade pré-escolar, quer para satisfazer as necessidades básicas da criança (e.g., segurança e alimentação), quer para a modelagem de processos mais complexos (e.g., regulação emocional) (Howell et al., 2016). Com o objetivo de auxiliar as crianças na aquisição de novas competências, as figuras parentais exibem, muitas vezes, uma série de estratégias de suporte, que podem ser designadas como *scaffolding*. O *scaffolding* consiste, então, no ato, apresentado por um tutor (no caso do *scaffolding* parental, uma das figuras parentais) de controlar os elementos da tarefa que, naquele momento, são demasiado complexos para as capacidades da criança, de forma que esta se concentre nos elementos que é, de facto, capaz de gerir naquele instante. Este processo está intimamente relacionado com o conceito de zona de desenvolvimento proximal, formulado por Vygotsky (1978), definido como a distância entre o que a criança consegue realizar autonomamente (desenvolvimento real) e o que consegue realizar com a ajuda de um adulto ou par mais competente (desenvolvimento potencial). Assim, a realização de tarefas de forma autónoma permite identificar as competências já consolidadas pela criança, enquanto as tarefas realizadas com apoio de *scaffolding* revelam o que esta terá capacidade de alcançar sozinha num futuro próximo. O *scaffolding* atua, portanto, sobre o desenvolvimento potencial, promovendo uma progressão mais eficaz e rápida das competências da criança. Espera-se, desta forma, que os benefícios desse processo não se limitem ao êxito numa tarefa ou momento específicos, sendo expectável que contribuam, além disso, para a aquisição acelerada de competências e para a transferência das mesmas para outras situações semelhantes (Wood et al., 1976).

Embora haja alguma discórdia relativamente aos componentes que constituem o *scaffolding* parental, uma das teorias mais aceites e utilizadas em investigação propõe que este comportamento deve ser visto como um conceito multimodal, com várias dimensões, cada uma tendo uma função única na forma como a criança a experiencia (Mermelshtine, 2017). O *scaffolding* pode, então, ser dividido em vários tipos de suporte – cognitivo, metacognitivo, emocional e de autonomia. O suporte cognitivo traduz-se na promoção, por parte das figuras parentais, da atividade cognitiva da criança em situações de resolução de problemas, através da simplificação ou estruturação da atividade de forma adequada ao

nível de desenvolvimento da criança (e.g. dividir a tarefa por passos facilmente realizáveis pela criança). O suporte metacognitivo tem como objetivo apoiar as atividades metacognitivas da criança, por meio, por exemplo, do planeamento, da monitorização e da avaliação da tarefa e do seu estado, através de estratégias como o fornecimento de sugestões relativas à realização da mesma (e.g. perguntar como é que a criança acha que se pode realizar uma determinada atividade, ou quais os passos que considera que deve seguir) (Stern & Hertal, 2022). O suporte emocional refere-se ao estabelecimento de um ambiente que promove o desejo da criança se autorregular, através de encorajamento e de expressão positiva de emoções (e.g. "Muito bem!" ou "Continua a tentar, vais conseguir"). Por último, o suporte de autonomia está associado à capacidade da figura parental de instituir níveis positivos de controlo, encorajando, simultaneamente, a criança a envolver-se na resolução de problemas, por exemplo, perguntando que peças quer utilizar numa tarefa de construções com blocos. As figuras parentais são, assim, capazes de providenciar o suporte adequado sem assumir o controlo completo da interação, de forma a estabelecer na criança um sentido de independência e competência, instituindo uma crença de que é capaz, podendo, desta forma, motivá-la para outras tarefas desafiantes no futuro (Clark et al., 2013).

Em contraste, a intrusividade é um comportamento interativo que consiste, essencialmente, no oposto do suporte de autonomia. A intrusividade parental é definida como a adoção de comportamentos sobrecontroladores que limitam a autonomia da criança, caracterizando-se por interações focadas nas próprias figuras parentais e nos seus interesses. Estes comportamentos são caracterizados como duros, sobrecontroladores, negativamente afetivos e sobreestimuladores. Mesmo em contextos lúdicos, as interações da figura parental com a criança tendem a enfatizar regras impostas pela figura parental, em detrimento da responsividade às capacidades e interesses da criança. (Barnett & Scaramella, 2017; Eisenberg et al., 2015). A intrusividade parental tem sido associada a consequências significativamente negativas, nomeadamente a níveis mais elevados de frustração e de retraimento por parte da criança (Graziano et al., 2011). Este tipo de comportamento tende a limitar as oportunidades da criança para aperfeiçoar as suas competências ou adquirir novas estratégias de autorregulação e de resolução construtiva de conflitos. Assim, a intrusividade revela-se um fator de risco para o desenvolvimento socioemocional, estando correlacionada, por exemplo, com níveis mais baixos de regulação emocional (Eisenberg et al., 2015; Jiang et al., 2023).

Regulação emocional da criança

A regulação emocional é a habilidade que um indivíduo tem de gerir a sua própria reatividade e expressão emocional (Garner & Hilton, 2010). As capacidades de regulação emocional incluem a aplicação de estratégias cognitivas, por parte de um agente, para gerir os seus estados internos e expressões externas, e é relevante tanto no caso das emoções positivas como das emoções negativas, tornando-se cada vez mais crucial à medida que a emoção se torna mais intensa (Eisenberg & Spinrad, 2004; Sobanski et al., 2010). Estas são habilidades de grande importância, tendo em consideração que são a base para o desenvolvimento de adaptação social (Shonkoff & Philips, 2000). A expressão emocional de forma apropriada é guiada pelas normas sociais que podem variar de acordo com o contexto e com a cultura na qual um individuo está inserido. A maior parte das vezes, é aprendida e praticada através de interações com as figuras parentais, tendo em conta que essas são as primeiras interações e as mais relevantes para a formação de um individuo nos primeiros anos de vida (Eisenberg et al., 2010). Também a compreensão das emoções pode ser importante para a regulação emocional e, consequentemente, para a adaptação psicossocial, já que pode levar a uma melhor compreensão dos estados internos, tanto os próprios como os dos outros, resultando, desta forma, numa maior consciência das consequências da desregulação emocional, e, assim, numa melhor regulação emocional (Carlson & Wang, 2007).

A literatura sobre o desenvolvimento infantil tem evidenciado, de forma consistente, a importância dos comportamentos interativos parentais na formação das competências cognitivas, emocionais e comportamentais das crianças. No âmbito das competências cognitivas, a sensibilidade materna mostrou-se um preditor significativo do quociente de inteligência da criança (Figueiredo et al., 2016). No que diz respeito às funções executivas, o suporte à autonomia por parte de mães e pais tem sido associado a um melhor desenvolvimento das funções executivas das crianças (Bernier et al., 2010; Meuwissen & Carlson, 2015), destacando a relevância da qualidade da interação entre a criança e ambas as suas figuras parentais para o desenvolvimento cognitivo. No domínio comportamental, comportamentos interativos parentais negativos, como a disciplina inconsistente e a baixa supervisão, estão associadas a níveis mais elevados de comportamentos de externalização, ao contrário de comportamentos positivos, como o envolvimento parental, que estão relacionados com menor probabilidade de ocorrência de problemas de externalização por parte da criança. Essas consequências variam em função do sexo da figura parental e da criança, sendo o envolvimento paterno particularmente relevante no caso de crianças do sexo masculino (Gryczkowski et al., 2010). Identificou-se ainda que o suporte à autonomia parental prediz a tomada de iniciativa por parte da criança em atividades de jogo e resolução de problemas (Huang et al., 2020). No que diz respeito às competências socioemocionais,

estudos indicam que o *scaffolding* materno eficaz está associado a melhores níveis de autorregulação emocional e a competências como cooperação, responsabilidade e autocontrolo em contexto escolar (Clark et al., 2013). A orientação emocional materna influencia tanto a regulação quanto a labilidade emocional, ao contrário da orientação emocional paterna, que afeta apenas a regulação emocional da criança (Tao et al., 2023). Adicionalmente, o suporte cognitivo materno, com sugestões metacognitivas e explicações durante tarefas de resolução de problemas, também contribui positivamente para a regulação emocional infantil (Sun & Tang, 2019). Estes resultados reforçam a necessidade de investigar mais profundamente a relação entre o *scaffolding* e a intrusividade parentais e o desenvolvimento socioemocional das crianças, com especial atenção à regulação emocional, uma vez que é esta uma competência fundamental para a adaptação social e emocional na infância (Mermelshtine, 2017). Importa ainda salientar o facto de a maioria das investigações nesta área se terem centrado na relação mãe-criança (Clark et al., 2013; Sun & Tang, 2019), negligenciando o papel do pai no desenvolvimento socioemocional infantil (Mermelshtine, 2017).

Estudo presente

Este estudo propõe-se a investigar a relação entre o *scaffolding* e a intrusividade parentais e a capacidade de regulação emocional da criança. Serão consideradas tanto as variáveis maternas quanto as paternas, dado que existe, nesta área, uma lacuna na literatura no que diz respeito à influência do *scaffolding* exercido pelo pai nas competências socioemocionais da criança. Hipotetiza-se que o *scaffolding*, tanto materno como paterno, estará positivamente relacionado com a regulação emocional da criança, partindo do pressuposto de que o efeito benéfico já identificado no *scaffolding* materno (Clark et al., 2013) poderá também verificar-se no caso do *scaffolding* paterno. De igual modo, antecipa-se uma correlação negativa entre a intrusividade de ambos os progenitores e a regulação emocional da criança, com base em evidências que apontam para o impacto negativo da intrusividade materna no desenvolvimento das competências socioemocionais (Eisenberg et al., 2015; Jiang et al., 2023), podendo o mesmo ocorrer relativamente à figura paterna. Admite-se a possibilidade de que, de forma semelhante ao que se verificou com outros comportamentos interativos parentais e competências da criança (Figueiredo et al., 2016; Grykskowski et al., 2010; Huang et al., 2020), também a relação entre estes comportamentos interativos parentais e a regulação emocional da criança possa ser influenciada pelo sexo da criança. Um objetivo metodológico deste estudo consiste no desenvolvimento de um sistema de codificação de *scaffolding* e intrusividade parentais a partir da adaptação de diversos sistemas

observacionais utilizados em investigações anteriores, sistema este mais abrangente e adequado às necessidades específicas desta investigação.

Método

Participantes

Na presente investigação, participaram 30 crianças caucasianas, 17 (56.7%) do sexo masculino, e respetivas mães e pais, de uma amostra inicial de 77 famílias que integram um estudo longitudinal mais vasto em curso. As crianças, com idades compreendidas entre 53 e 60 meses (M = 55.57, DP = 2.06), foram recrutadas em instituições de ensino pré-escolar no norte de Portugal. A idade das mães variou entre 26 e 43 anos (M = 36.77, DP = 3.58) e a dos pais entre 33 e 55 anos de idade (M = 39.03, DP = 5.06). Relativamente ao nível de escolaridade parental, 4 mães (13.3%) e 9 pais (30.0%) concluíram quarto, sexto, nono ou 12° ano de escolaridade, 20 mães (66.7%) e 13 pais (43.3%) tinham licenciatura, bacharelato ou pós-graduação, e, por fim, 6 mães (20.0%) e 8 pais (26.7%) completaram o grau de mestrado ou doutoramento. É ainda de referir que esta foi uma amostra de conveniência, recrutada em estabelecimentos de ensino pré-escolar tanto públicos como privados, tendo como critério de inclusão as crianças apresentarem um desenvolvimento típico. Todos os participantes eram provenientes de meio urbano.

Instrumentos

Dados sociodemográficos

O preenchimento de uma ficha elaborada pela equipa de investigação do estudo longitudinal mais vasto permitiu recolher informação pessoal acerca dos participantes, nomeadamente sexo e idade da criança, bem como idade e nível de escolaridade das suas figuras parentais.

Scaffolding e Intrusividade Maternos e Paternos

O *scaffolding* e a intrusividade maternos e paternos foram avaliados durante duas sessões de jogo livre entre díades – uma entre a criança e a mãe e outra entre a criança e o pai – durante as quais foi pedido que realizassem, à sua vontade, construções com blocos de diferentes tamanhos, cores e formatos. As únicas instruções fornecidas foram que deveria ser utilizada a maior quantidade de blocos possível e que teriam cerca de 5 minutos para a realização da tarefa, embora posteriormente fosse permitido que a díade completasse a tarefa caso não o conseguisse fazer no tempo estipulado.

Para este estudo, foi desenvolvido um sistema de codificação que incorporou elementos de vários sistemas de avaliação observacional previamente utilizados noutras investigações. A codificação das interações, no que se refere ao *scaffolding*, baseou-se em questões extraídas de quatro subescalas de suporte. Cada uma dessas dimensões foi avaliada por meio de uma escala *Likert* de cinco pontos, na qual um corresponde a "nunca" e cinco indica "sempre". Foram incluídas, neste sistema de codificação, as variáveis que mediam os suportes cognitivo, metacognitivo e de autonomia, de acordo com Stern e Hertal (2022). Da subescala de suporte cognitivo, foi utilizada apenas uma variável que tem como objetivo perceber até que ponto a figura parental estrutura a atividade, verbalizando como se pode prosseguir (e.g., "Vamos começar por pegar nos blocos e pô-los na mesa"). Não foi utilizada a segunda variável que constava no sistema original (simplificação da tarefa de acordo com o nível desenvolvimental da criança), tendo em consideração que a tarefa já era simples para o nível desenvolvimental em que as crianças se encontravam, não se justificando, portanto, a simplificação da tarefa. O suporte metacognitivo foi classificado de acordo com duas variáveis, sendo estas (1) se a figura parental dava sugestões relativamente a como se podia realizar a tarefa (e.g., "O que achas de usarmos estes blocos?"), e (2) se a figura parental discutia o estado e o progresso da tarefa (e.g., "Está a ficar tão bonito! O que fazemos a seguir?"). O suporte de autonomia foi codificado de acordo com seis variáveis, sendo estas se a figura parental (1) detetava ideias e ações da criança (e.g., "Queres este bloco?"); (2) se envolvia na resolução de problemas (e.g., "E se tentássemos desta forma?"); (3) encorajava a criança a envolver-se ativamente na resolução de problemas (e.g., "Vamos pensar como pode ficar ainda mais bonito!"); (4) dava oportunidades à criança de perceber os seus erros (e.g., "Porque é que achas que a torre está a cair?"); (5) dava oportunidades à criança de resolver os seus erros (e.g., "Ora pensa lá como é que podemos fazer para a torre não cair"); (6) deixava a criança decidir como trabalhar na tarefa (e.g., não impõe à criança o que acha melhor que seja feito). Adiciona-se, às subescalas anteriormente mencionadas, a subescala de suporte emocional como medida por Clark e colaboradores (2013), avaliada através de duas variáveis, sendo estas (1) se a figura parental rejeitava os esforços da criança (e.g., "Nem estás a tentar, está a ficar tudo mal!") e (2) se a figura parental encorajava a criança, elogiando o que esta faz (e.g., "Muito bem! Está a ficar tão bonito!"). O suporte pode ser fornecido através de perguntas, pistas, instruções, *feedback*, explicações ou transferência de habilidades de uma tarefa para outra semelhante.

A intrusividade foi avaliada através da contagem do número de comportamentos intrusivos ao longo da interação. Os comportamentos codificados como intrusivos foram, de acordo com Eisenberg et al. (2015), (1) sobre-estimulação da criança com os blocos, (2) aplicação de contacto físico intrusivo, (3) intervenção para ajudar a criança quando esta não precisa de ajuda; e, de acordo com Barnet e

Scaramella (2017), (4) comportamentos focados nos interesses da figura parental em vez de nos interesses da criança. No final, o número de comportamentos intrusivos identificados foi dividido pelo número de minutos da interação.

Das 30 interações mãe-criança e pai-criança, uma seleção aleatória de 20% (n = 6) das interações das figuras parentais de cada sexo foram codificadas de forma independente por um segundo investigador treinado no sistema de codificação. Todas as variáveis obtiveram, na concordância inter-observadores, valores entre .70 e .91, tanto em pais como em mães.

Regulação emocional da criança

Emotion Regulation Checklist (ERC)

O ERC é um questionário de 24 itens que avalia a perceção que, neste caso, a mãe tem relativamente à forma como a criança gere situações emocionalmente desafiantes, sendo, cada questão, avaliada segundo uma escala de Likert de 4 pontos (1 - nunca a 4 – quase sempre) (α = .89). Esta divide-se em duas subescalas, sendo uma relativa à regulação emocional (α = .83), que se traduz na avaliação de expressão emocional apropriada, empatia e autoconsciência emocional, e outra relativa à negatividade e labilidade emocional (α = .96), que se traduz em inflexibilidade, labilidade emocional e afeto negativo desregulado (Shields & Cicchetti, 1997).

Emotion Recognition Questionnaire (ERQ)

O ERQ é um instrumento através do qual se estuda a capacidade das crianças de compreender emoções (Bierman et al., 2008; Ribordy et al., 1988). São narradas à criança 16 histórias nas quais a personagem principal é colocada numa situação que desperta sentimentos intensos, e, para cada história, a criança deve apontar para uma cara que exprima uma emoção igual à que o protagonista sentiu perante a situação apresentada. De seguida, cada resposta é cotada numa escala de 0 a 2, na qual 0 corresponde à identificação da emoção e da valência erradas, 1 corresponde à identificação da emoção errada, mas da valência certa, e 2 corresponde à identificação de valência e emoção certas (α = .63). A título de exemplo, na história "A Susana tem um cão que está doente e vai morrer", uma resposta equivale a dois pontos se a criança apontar para a cara que expressa uma emoção triste, um ponto se a criança apontar para a cara que expressa uma emoção zangada e zero pontos se a criança apontar para a cara que expressa uma emoção feliz. O resultado é calculado através da soma das pontuações obtidas em cada item, com uma pontuação final que se coloca entre zero e 32 pontos.

Procedimento

Os dados foram recolhidos no âmbito de um estudo longitudinal, que foi aprovado pela Comissão Nacional de Proteção de Dados. Foram utilizados os vídeos da tarefa de jogo livre de construção com blocos gravados no primeiro momento desse estudo (2011-2013) para codificar as interações entre as díades (pai-criança e mãe-criança), bem como os questionários (ERC e ERQ) preenchidos nessa altura, para avaliar a regulação emocional da criança. Em cada etapa da investigação, foi explicado às figuras parentais para que serviam os dados recolhidos e obtido o consentimento informado.

Resultados

Primeiramente, foi realizada uma Análise de Componentes Principais com rotação oblíqua, com o objetivo de compreender a forma como as variáveis relativas ao suporte materno e paterno se agrupam nesta amostra. Os resultados, como é retratado na tabela 1, apontam para um agrupamento diferente das variáveis da figura materna e das variáveis da figura paterna.

Tabela 1

Análise de Componentes Principais do sistema de avaliação de scaffolding parental

Figura parental	Componente	Item (saturação no componente)	Designação
Mãe	1	Deixa a criança decidir como trabalhar a tarefa (.93)	Suporte da agência da criança (α=.92)
		Deteta ideias e ações da criança (.91)	
		Dá oportunidade à criança de perceber os seus erros (.90)	
		Dá oportunidade à criança de resolver os seus erros (.87)	
		Encoraja a criança a envolver-se ativamente na resolução de problemas (.80)	
		Dá sugestões relativamente a como se pode realizar a tarefa (.60)	
	2	Encoraja a criança, elogiando o que esta faz (.72)	Estruturação da atividade (α=.65)
		Estrutura a atividade, verbalizando como se pode prosseguir (.69)	
		Envolve-se na resolução de problemas (.67)	
		Discute o estado e o progresso da tarefa (.66)	
	3	Rejeita os esforços da criança (.82)	Comportamento rejeitante
Pai	1	Dá oportunidade à criança de resolver os seus erros (.90)	Suporte da agência da criança (α=.90)
		Deteta ideias e ações da criança (.88)	
		Deixa a criança decidir como trabalhar a tarefa (.86)	

		Encoraja a criança a envolver-se ativamente na resolução de problemas (.84)	
		Rejeita os esforços da criança (-.77)	
		Dá oportunidade à criança de perceber os seus erros (.74)	
		Encoraja a criança. elogiando o que esta faz (.56)	
	2	Envolve-se na resolução de problemas (.81)	Estruturação da atividade (α=.70)
		Discute o estado e o progresso da tarefa (.72)	
		Dá sugestões relativamente a como se pode realizar a tarefa (.72)	
		Estrutura a atividade, verbalizando como se pode prosseguir (.61)	

No caso da figura materna, foram identificados três componentes principais, que explicam 73,4% da variância, estando todas as variáveis incluídas de forma clara em algum dos componentes. Estes foram denominados de "suporte da agência da criança", "estruturação da atividade" e "comportamento rejeitante". No que diz respeito à figura paterna, as variáveis agruparam-se em dois componentes principais, que explicam 73,2% da variância, estando cada variável também incluída de forma clara num destes componentes, denominados "suporte da agência da criança" e "estruturação da atividade". O facto de no caso do pai, o "suporte da agência da criança" incluir também o item de rejeição, com uma correlação negativa com os restantes componentes, significa que pais que apoiam mais a autonomia da criança, têm tendência a ser menos rejeitantes. Já no caso da mãe, é possível perceber que o comportamento rejeitante constituiu um componente isolado de todas as restantes variáveis, o que sugere que este não é utilizado em concordância com os restantes comportamentos (que demonstram o apoio à criança), apresentando-se como um tipo de comportamento que ocorre de forma independente dos restantes.

De seguida, foi realizada uma análise descritiva dos dados recolhidos (tabela 2), de forma a obter uma melhor compreensão da amostra em estudo e a distribuição dos dados para cada dimensão.

Tabela 2

Análises descritivas das dimensões das figuras parentais

		Mínimo	*Máximo*	*Média*	*(DP)*
Mãe	Suporte da agência da criança	1.33	4.67	3.42	(1.06)
	Estruturação da atividade	1.60	4.80	3.56	(.68)
	Comportamento rejeitante	1.00	5.00	1.73	(1.01)
	Comportamentos intrusivos/minuto	.00	2.02	.38	(.47)

Pai	Suporte da agência da criança	1.14	5.00	3.34	(.85)
	Estruturação da atividade	2.00	5.00	3.56	(.74)
	Comportamentos intrusivos/minuto	.00	1.54	.43	(.37)

Foi realizada, depois, a mesma análise, desta vez separando as famílias em função do sexo da criança (tabela 3).

Tabela 3

Análises descritivas das dimensões das figuras parentais de crianças do sexo masculino/sexo feminino

		Mínimo	*Máximo*	*Média*	*(DP)*
Mãe	Suporte da agência da criança	1.67/1.33	4.67/4.67	3.46/3.37	(.99)/(1.18)
	Estruturação da atividade	1.60/2.80	4.40/4.80	3.48/3.66	(.75)/(.61)
	Comportamento rejeitante	1.00/1.00	5.00/4.00	1.71/1.76	(1.05)/(1.01)
	Comportamentos intrusivos/minuto	.00/.00	1.20/2.02	.34/.44	(.40)/(.56)
Pai	Suporte da agência da criança	2.00/1.14	4.43/5.00	3.30/3.38	(.70)/(1.04)
	Estruturação da atividade	2.00/2.50	5.00/4.75	3.57/3.54	(.77)/(.71)
	Comportamentos intrusivos/minuto	.00/.00	.843/1.54	.37/.51	(.28)/(.47)

De seguida, foram realizadas análises de correlação entre as dimensões que refletem o comportamento das figuras maternas e paternas (tabela 4).

Tabela 4

Correlações entre as dimensões das figuras parentais

		Mãe			Pai		
		EAM	CRM[a]	CIMM	SACP	EAP	CIMP
Mãe	Suporte da agência da criança (SACM)	**.38***	**-.70****	**-.89****	.06	-.20	-.09
	Estruturação da atividade (EAM)	-	-.17	**-.34**[+]	.02	**-.37***	.09
	Comportamento rejeitante (CRM)[a]	-	-	**.75****	-.23	-.14	.26
	Comportamentos intrusivos/minuto (CIMM)	-	-	-	.07	.24	-.03
Pai	Suporte da agência da criança (SACP)	-	-	-	-	.26	**-.85****
	Estruturação da atividade (EAP)	-	-	-	-	-	-.07
	Comportamentos intrusivos/minuto (CIMP)	-	-	-	-	-	-

Nota: $^{**}p<.01$; $^{*}p<.05$; $^{+}p<.10$; a - Coeficiente de Correlação de Spearman; Restantes – Coeficiente de Correlação de Pearson.

No que diz respeito às dimensões maternas, o suporte da agência da criança apresentou uma correlação positiva significativa com a estruturação da atividade, e uma correlação negativa significativa

com o comportamento rejeitante e os comportamentos intrusivos por minuto; a estruturação da atividade evidenciou uma correlação negativa marginalmente significativa com os comportamentos intrusivos por minuto; o comportamento rejeitante apresentou uma correlação positiva significativa com os comportamentos intrusivos por minuto. Já nas dimensões do pai, foi encontrada uma correlação negativa significativa entre o suporte de agência da criança e os comportamentos intrusivos por minuto. Foi ainda encontrada uma correlação negativa entre a estruturação da atividade por parte da mãe e a estruturação da atividade por parte do pai. Assim, podemos concluir que nesta amostra, crianças com mães que têm maior tendência a estruturar a tarefa, têm pais com menor tendência a estruturar a tarefa, verificando-se também o inverso.

A amostra geral foi posteriormente separada em função do sexo da criança, sendo realizada, de seguida, a mesma análise apresentada na tabela anterior, de forma a realizar uma comparação entre a relação das dimensões maternas e paternas em famílias de crianças do sexo masculino e feminino (tabela 5).

Tabela 5

Correlações das dimensões maternas e paternas em famílias cuja criança é do sexo masculino/feminino

		Mãe			Pai		
		EAM	CRM[a]	CIMM	SACP	EAP	CIMP
Mãe	Suporte da agência da criança	.33/**.49**$^{+}$	**-.72****/**-.67***	**-.92****/**-.87****	.31/-.13	-.15/-.26	**-.44**$^{+}$/.14
	Estruturação da atividade (EAM)	-	-.09/-.19	-.32/-.43	-.09/.13	**-.59***/.03	.05/.09
	Comportamento rejeitante (CRM)[a]	-	-	**.74**/.80****	-.05/-.43	-.07/-.23	.14/.41
	Comportamentos intrusivos/minuto (CIMM)	-	-	-	-.16/.20	.25/.25	.33/-.25
Pai	Suporte da agência da criança (SACP)	-	-	-	-	.13/.41	**-.87**/-.89****
	Estruturação da atividade (EAP)	-	-	-	-	-	.02/-.15
	Comportamentos intrusivos/minuto (CIMP)	-	-	-	-	-	-

Nota: $^{**}p<.01$; $^{*}p<.05$; $^{+}p<.10$; a - Coeficiente de Correlação de Spearman; Restantes – Coeficiente de Correlação de Pearson.

Nas famílias de criança do sexo masculino, foi encontrada uma correlação negativa marginalmente significativa entre o suporte da agência da criança por parte da mãe e os comportamentos intrusivos por minuto por parte do pai, para além da encontrada na amostra geral. Isto é, além de terem mães que estruturam mais a atividade quando têm pais que o fazem menos (e vice-versa), as crianças do sexo masculino com mães que têm tendência a suportar a sua agência, têm também pais com menor tendência a ter comportamentos intrusivos. Nas famílias de criança do sexo feminino, pelo contrário, não se verificam quaisquer correlações significativas entre as dimensões maternas e paternas.

Seguidamente, foram realizadas análises de correlação entre as dimensões que refletem o comportamento das figuras parentais e os resultados dos instrumentos que medem a regulação emocional da criança (tabela 6).

Tabela 6

Correlações entre as dimensões maternas e paternas e a regulação emocional da criança

		Compreensão emocional (ERQ)	Regulação emocional (ERC)	Negatividade/Labilidade emocional (ERC)
Mãe	Suporte da agência da criança	.08	.05	**-.25**$^{+}$
	Estruturação da atividade	.11	.18	-.15
	Comportamento rejeitante [a]	**-.28**$^{+}$	-.17	.14
	Comportamentos intrusivos/minuto	-.09	-.01	**.25**$^{+}$
Pai	Suporte da agência da criança	**.31***	.13	**-.35***
	Estruturação da atividade	.13	.04	-.03
	Comportamentos intrusivos/minuto	**-.29**$^{+}$	-.15	**.45****

Nota: $^{**}p<.01$; $^{*}p<.05$; $^{+}p<.10$; a - Coeficiente de Correlação de Spearman; Restantes – Coeficiente de Correlação de Pearson.

No que diz respeito às dimensões maternas, é possível verificar que duas delas apresentam correlações marginalmente significativas com a negatividade/labilidade emocional - o suporte da agência da criança (no sentido negativo) e os comportamentos intrusivos por minuto (no sentido positivo). Assim, mais suporte da agência por parte da mãe tende a estar associado a menor negatividade/labilidade emocional por parte das crianças, e mais comportamentos intrusivos por minuto tendem a estar associados a maior negatividade/labilidade emocional por parte da criança. Os resultados apontam também para uma correlação negativa marginalmente significativa entre o comportamento rejeitante e a compreensão emocional. Desta forma, maior comportamento rejeitante por parte da mãe tende a estar

associado a menor compreensão emocional por parte das crianças. Relativamente às dimensões paternas, foram encontradas correlações significativas entre a negatividade/labilidade emocional e duas destas dimensões - o suporte da agência da criança (no sentido negativo) e os comportamentos intrusivos por minuto (no sentido positivo). Isto é, maior suporte da agência por parte do pai está relacionado com menor negatividade/labilidade emocional por parte da criança, e mais comportamentos intrusivos paternos estão relacionados com mais negatividade/labilidade emocional por parte da criança. É ainda de notar as correlações entre a compreensão emocional e duas dimensões paternas - mais uma vez, o suporte da agência da criança (correlação positiva significativa) e os comportamentos intrusivos por minuto (correlação negativa marginalmente significativa). Assim, mais suporte paterno da agência da criança está relacionado com melhor compreensão emocional por parte da criança, e mais comportamentos intrusivos paternos tendem a estar relacionados com pior compreensão emocional por parte da criança. A estruturação da atividade, tanto materna e como paterna, não apresentou correlações significativas com nenhuma das variáveis relativas à regulação emocional das crianças. Por outro lado, nenhuma das dimensões maternas ou paternas apresentou qualquer relação com a escala de regulação emocional.

Quando os participantes foram separados tendo em consideração o sexo da criança (tabela 7), os resultados sugerem que as dimensões maternas apenas têm correlações significativas com a regulação emocional da criança em crianças do sexo masculino, tendo sido encontradas correlações marginalmente significativas entre a negatividade/labilidade emocional e duas das dimensões que refletem o comportamento materno durante a interação - o suporte da agência da criança (no sentido negativo) e os comportamentos intrusivos por minuto (no sentido positivo). Ou seja, maior suporte materno da agência da criança tende a estar relacionado com menor negatividade/labilidade emocional do filho, e mais comportamentos intrusivos por minuto tendem a estar relacionados com maior negatividade/labilidade emocional. No que diz respeito às dimensões que refletem o comportamento paterno, em crianças do sexo masculino, foi encontrada uma correlação positiva significativa entre os comportamentos intrusivos por minuto e a negatividade/labilidade emocional. Desta forma, mais comportamentos intrusivos paternos estão relacionados com maior negatividade/labilidade emocional por parte do filho.

Tabela 7

Correlações entre as dimensões maternas e paternas e as subescalas que medem a regulação emocional da criança do sexo masculino/feminino

		Compreensão emocional (ERQ)	Regulação emocional (ERC)	Negatividade/Labilidade emocional (ERC)
Mãe	Suporte da agência da criança	.29/-.18	.18/-.08	**-.35**$^{+}$/-.10
	Estruturação da atividade	.23/-.24	.11/-.31	-.20/-.12
	Comportamento rejeitante [a]	-.26/-.34	-.14/-.39	.11/.24
	Comportamentos intrusivos/minuto	-.29/.26	-.17/.14	**.40**$^{+}$/.06
Pai	Suporte da agência da criança	.29/**.38**$^{+}$	-.27/**.42**$^{+}$	-.31/**-.45**$^{+}$
	Estruturação da atividade	.09/.25	.17/-.11	.03/-.17
	Comportamentos intrusivos/minuto	-.29/**-.50***	.23/-.36	**.43* /.47***

Nota: $^{**}p<.01$; $^{*}p<.05$; $^{+}p<.10$; a - Coeficiente de Correlação de Spearman; Restantes – Coeficiente de Correlação de Pearson.

Entre as dimensões maternas e as subescalas que medem a regulação emocional da criança, no caso das crianças do sexo feminino, não foram encontradas quaisquer correlações significativas. Já no que diz respeito às correlações entre as dimensões paternas e crianças do sexo feminino, emergiram correlações entre a negatividade/labilidade emocional e duas das dimensões paternas - o suporte da agência da criança (correlação negativa marginalmente significativa) e os comportamentos intrusivos por minuto (correlação positiva significativa). Desta forma, maior suporte paterno da agência da criança tende a estar relacionado com menor negatividade/labilidade emocional por parte da filha, e mais comportamentos intrusivos paternos estão relacionados com maior negatividade/labilidade emocional da filha. Foram também encontradas correlações entre a compreensão emocional e duas dimensões que refletem o comportamento paterno – mais uma vez, o suporte da agência da criança (correlação positiva marginalmente significativa) e os comportamentos intrusivos por minuto (correlação negativa significativa). Isto significa que mais suporte paterno da agência da criança tem tendência a estar relacionado com melhor compreensão emocional, e que mais comportamentos intrusivos por parte do pai estão relacionados com pior compreensão emocional por parte da filha. Foi ainda encontrada uma correlação positiva marginalmente significativa entre a regulação emocional e o suporte da agência da criança. Ou seja, maior suporte paterno da agência da criança tende também a estar relacionado com melhor regulação emocional da filha.

Tal como para a amostra geral, verifica-se que a estruturação da atividade, tanto por parte da mãe como por parte do pai, não tem correlações significativas com nenhuma das subescalas que refletem a regulação emocional da criança, quer esta seja do sexo masculino, quer seja do sexo feminino.

Discussão

Este estudo providenciou uma oportunidade única para comparar os comportamentos de *scaffolding* e intrusividade paternos e maternos com os seus filhos e filhas. Através dos resultados da análise de componentes principais, que apontam para um agrupamento diferente das variáveis de *scaffolding* materno e paterno, é possível inferir que pais e mães se comportam de formas diferentes nas interações com as crianças nesta amostra de participantes. Isto é, o facto de as variáveis estarem correlacionadas entre si de formas diferentes, dependendo do sexo da figura parental, sugere padrões comportamentais diferentes. A título de exemplo, no caso do pai, a dimensão "suporte da agência da criança" inclui o item que avalia a rejeição por parte da figura parental, com uma correlação negativa com os restantes itens da dimensão, o que nos leva a deduzir que, neste caso, apoiar e rejeitar a criança evidenciam uma relação inversa. Pelo contrário, nas dimensões maternas, o comportamento rejeitante separa-se das restantes variáveis, constituindo uma dimensão isolada das outras, geralmente associadas a resultados positivos na criança. Isto sugere que este comportamento interativo parental não é utilizado em concordância com os comportamentos que demonstram apoio, apresentando-se como um padrão comportamental distinto, que pode ser percebido como independente dos restantes. Na literatura não foi encontrado nada que indicasse que os comportamentos de *scaffolding* tivessem correlações entre si diferentes para pais e mães, sendo que nos estudos encontrados sempre foram utilizados os mesmos componentes para a avaliação do comportamento das figuras parentais, independentemente do sexo (Huang et al., 2020; Huang et al., 2022; Mermelshtine, 2017). Um dos aspetos que pode contribuir para isto é o facto de, na maioria dos casos, se investigar apenas a figura materna, podendo não ter previamente havido dados para perceber as diferenças entre padrões de interação de mãe-criança e pai-criança (Clark et al., 2013; Sun & Tang, 2019).

Nas análises de correlação entre as dimensões maternas e as dimensões paternas, foram encontrados padrões de associação distintos entre famílias com crianças do sexo masculino e famílias com crianças do sexo feminino. Segundo Deschenês et al. (2014), seria de esperar concordância da qualidade das interações figura parental-criança, sendo previsível que este efeito se encontrasse de forma especialmente evidente em famílias com nível socioeconómico médio-alto (como é o caso da nossa amostra), e em famílias com crianças do sexo masculino. Aplicando ao presente estudo, o expectável seria que melhor *scaffolding* por parte do pai estivesse relacionado com melhor *scaffolding* também por parte da mãe e que maior intrusividade por parte de uma das figuras parentais estivesse associada a maior intrusividade por parte da outra figura parental. Parcialmente, isto está em concordância com os resultados encontrados, em famílias cuja criança é do sexo masculino. De facto, nestes casos, em famílias com mães que suportam mais a agência da criança (maior qualidade de comportamentos

interativos maternos), verificam-se menos comportamentos intrusivos por parte do pai (maior qualidade dos comportamentos interativos paternos). No entanto, no caso da estruturação da atividade, foi encontrado precisamente o oposto daquilo que era esperado, tendo emergido uma correlação negativa entre a estruturação da atividade por parte da mãe e a estruturação da atividade por parte do pai. Isto significa que, quanto mais a mãe, na sua interação com a criança, estrutura a atividade, menos se verifica isso com o pai e vice-versa, o que retrata o contrário do que seria expectável segundo a literatura. Assim, surgem duas hipóteses, sendo estas que uma das figuras parentais, quando deparada com a falta de um certo comportamento que considera importante por parte da outra, tende a compensar; ou que uma das figuras parentais, quando deparada com certos comportamentos por parte da outra, tende a sentir-se desnecessária, retraindo-se, e acabando por adotar uma postura mais passiva – entrando aqui num padrão que depois se verifica mesmo em interações diádicas com a criança (isto é, sem a presença da outra figura parental). Em qualquer caso, tendo em consideração que, após a separação pelo sexo da criança, apenas se verifica esta correlação no caso de a criança ser do sexo masculino, poderá haver indícios de diferenças na forma como as figuras parentais se adaptam aos comportamentos interativos do parceiro, dependendo do sexo da criança.

No que diz respeito à relação entre os comportamentos interativos parentais e a regulação emocional das crianças, os resultados – que revelam uma associação entre comportamentos intrusivos, maternos ou paternos, e uma maior negatividade/labilidade emocional na criança – estão de acordo com a literatura, que identifica este tipo de comportamento interativo parental como potencialmente problemático no contexto do desenvolvimento socioemocional da criança (Eisenberg et al., 2015; Graziano et al., 2011). O facto de terem emergido estas correlações significativas ou marginalmente significativas aponta para uma ligação entre a intrusividade parental e dificuldades no desenvolvimento da regulação emocional. Adicionalmente, a estruturação da atividade — uma dimensão maioritariamente composta por variáveis associadas ao suporte cognitivo e metacognitivo — não apresentou qualquer associação significativa com a regulação emocional da criança, independentemente do sexo da criança ou da figura parental. Por outro lado, o suporte da agência da criança, tanto por parte da mãe como por parte do pai, apresentaram correlações negativas significativas ou marginalmente significativas com a negatividade/labilidade emocional. Estes resultado sugerem que as dimensões mais afetivas e relacionais do *scaffolding* - como o suporte da agência da criança – e a intrusividade têm uma relação mais forte com a regulação emocional da criança do que as dimensões mais centradas na própria tarefa.

Já a análise relativa à relação entre os comportamentos interativos parentais e a regulação emocional da criança, após a divisão da amostra em famílias com criança do sexo masculino e famílias com criança do sexo feminino, revelou padrões distintos de associação em função do sexo da criança. No que diz respeito às dimensões maternas, em crianças do sexo masculino, observaram-se correlações marginalmente significativas entre a negatividade/labilidade emocional (indicador de dificuldades na regulação emocional) e duas dimensões do comportamento materno durante a interação, estando negativamente relacionado com o suporte da agência da criança e positivamente relacionado com os comportamentos intrusivos. Este padrão sugere que, em crianças do sexo masculino, a presença de comportamentos intrusivos por parte da mãe está associada a uma maior dificuldade na regulação emocional, enquanto o suporte materno à agência da criança está relacionado com melhor regulação emocional por parte da criança. Estes resultados estão em consonância com a literatura, que tem evidenciado os efeitos benéficos do suporte à agência e os impactos negativos da intrusividade no desenvolvimento socioemocional (Eisenberg et al., 2015; Stern & Hertal, 2022). Pelo contrário, em famílias com crianças do sexo feminino, não foram encontradas correlações significativas entre as dimensões maternas e os indicadores de regulação emocional da criança. A ausência de correlações significativas contraria o padrão mais frequentemente assumido na literatura, na qual diversos estudos consideram apenas o *scaffolding* materno — o que reflete a ideia tradicional de que as interações com a mãe são a principal fonte de desenvolvimento socioemocional da criança (Clark et al., 2013; Sun & Tang, 2019; Tao et al., 2022).

Por outro lado, as dimensões paternas apresentaram um padrão de associação mais evidente com as subescalas de regulação emocional da criança, sobretudo no caso das crianças do sexo feminino. Nas crianças do sexo masculino, a única associação significativa encontrada foi entre os comportamentos intrusivos do pai e a negatividade/labilidade emocional da criança, estando isto em concordância com a literatura, que reitera os efeitos nocivos da intrusividade na adaptação emocional (Barnett & Scaramella, 2017). Já nas crianças do sexo feminino, o padrão de correlações foi mais diversificado e significativo. Foram observadas correlações positivas entre o suporte da agência paterno e dois dos indicadores de regulação emocional - compreensão emocional e regulação emocional - bem como correlações negativas entre a intrusividade paterna e esses mesmos indicadores. Os dados indicam, então, que entre as crianças do sexo feminino, uma maior tendência do pai em apoiar a agência está associada a uma melhor compreensão e regulação emocional. Por outro lado, níveis mais elevados de intrusividade paterna relacionam-se com maiores dificuldades nessas áreas. A intrusividade mostrou ainda uma correlação positiva com a negatividade/labilidade emocional, reforçando, mais uma vez, a associação

entre este comportamento interativo parental e padrões de desregulação emocional. Estes resultados sustentam a hipótese de que as dimensões paternas estão relacionadas com um melhor desenvolvimento socioemocional e não só cognitivo (Meuwissen & Carlson, 2015).

Assim, os resultados deste estudo associam comportamentos interativos sensíveis e responsivos, como o *scaffolding* — em particular, o suporte à agência — a níveis mais elevados de regulação emocional durante a idade pré-escolar. Por outro lado, observam-se correlações negativas entre comportamentos intrusivos e a regulação emocional das crianças, independentemente do sexo da figura parental ou da criança. Embora não possam ser estabelecidas relações causais, os dados contribuem para um melhor entendimento da relação entre comportamentos interativos de pais e mães, desafiando visões tradicionais que atribuem exclusivamente à mãe o papel central na promoção das competências socioemocionais. Os resultados sublinham a relevância de incluir ambas as figuras parentais em estudos sobre o desenvolvimento emocional, bem como a importância de adotar uma abordagem sensível ao sexo da criança. Tal necessidade torna-se ainda mais evidente considerando que, no caso de crianças do sexo feminino, foram observadas correlações entre comportamentos interativos paternos e a regulação emocional da criança que não se verificaram para os comportamentos interativos maternos. Desta forma, reforça-se a importância de considerar as especificidades de cada figura parental, de forma a perceber mais precisamente as complexas relações entre comportamentos interativos parentais e o desenvolvimento socioemocional infantil.

Limitações e pontos fortes

Na interpretação dos resultados deste estudo algumas limitações devem ser consideradas, como a dimensão da amostra, composta por 30 crianças caucasianas de meio urbano, recrutadas por conveniência, o que pode restringir a generalização dos resultados para populações mais diversas. Outro ponto a destacar é que a avaliação da regulação emocional e labilidade emocional foi realizada somente com base no relato materno, o que pode introduzir vieses e limitar a compreensão das capacidades reais da criança. Por fim, a tarefa de construção com blocos, embora apropriada para a idade e para a avaliação de comportamentos interativos parentais, representa um contexto específico, o que pode não refletir completamente as interações naturais do dia-a-dia familiar. Por outro lado, a utilização de observações diretas das interações entre a criança e as suas figuras parentais providencia uma forma objetiva de avaliar as interações entre criança e figura parental, sem que se esteja dependente de relatos ou preenchimento de questionários que podem não ser objetivos, especialmente tendo em consideração que, muitas vezes, a desejabilidade social pode interferir nas respostas dadas. A codificação

independente realizada por dois investigadores, com elevados índices de concordância inter-observadores, reforça a fiabilidade dos dados. Além disso, a inclusão tanto da figura materna quanto paterna permite uma compreensão mais abrangente das dinâmicas familiares, algo ainda pouco explorado em estudos anteriores.

Orientações para estudos futuros

Tendo em conta as limitações identificadas neste estudo, recomenda-se que futuras investigações adotem amostras maiores e mais diversificadas em termos de contexto sociocultural, étnico e socioeconómico, de forma a que os resultados sejam mais generalizáveis. A inclusão de participantes de diferentes origens poderá contribuir para uma compreensão mais abrangente dos comportamentos interativos parentais e da relação dos mesmos com o desenvolvimento socioemocional da criança em diversos contextos. Além disso, é fundamental que futuros estudos recorram a múltiplas fontes de informação para a avaliação da regulação emocional, incluindo, por exemplo, medidas observacionais, relatos de ambos os cuidadores ou dos educadores. Tal abordagem permitiria reduzir o viés associado ao relato único (neste caso, materno) e proporcionaria uma perspetiva mais fiável sobre as competências emocionais da criança. Recomenda-se ainda a utilização de uma variedade de contextos de observação das interações figura parental-criança que reflitam de forma mais natural as interações familiares no quotidiano. Do ponto de vista metodológico, seria relevante recorrer a estudos longitudinais ou experimentais que possibilitem examinar a direção das associações observadas e inferir relações causais entre comportamentos parentais e o desenvolvimento da regulação emocional, bem como perceber melhor o mecanismo que leva à associação negativa entre a estruturação da atividade materna e a estruturação da atividade paterna. Por fim, destaca-se a importância de continuar a incluir tanto mães como pais em estudos sobre desenvolvimento socioemocional, reconhecendo as possíveis especificidades dos comportamentos interativos de cada figura parental e as consequências dos mesmos para o desenvolvimento da criança, tendo em especial consideração o sexo da criança.

Referências

Altenburger, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., & Kamp Dush, C. M. (2018). Associations between maternal gatekeeping and fathers' parenting quality. *Journal of Child and Family Studies, 27*, 2678–2689. https://doi.org/10.1007/s10826-018-1088-7

Barnett, M. A., & Scaramella, L. V. (2017). Supportive and intrusive parenting during early childhood: Relations with children's fear temperament and sex. *Journal of Family Psychology*, *31*(5), 553.

Bernier, A., Carlson, S. M., & Whipple, N. (2010). From external regulation to self-regulation: Early parenting precursors of young children's executive functioning. *Child Development, 81*(1), 326-339. https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01397.x

Bierman, K. L., Domitrovich, C. E., Nix, R. L., Gest, S. D., Welsh, J. A., Greenberg, M. T., Blair, C., Nelson, K. E., & Gill, S. (2008). Promoting academic and social-emotional school readiness: the head start REDI program. *Child development*, *79*(6), 1802–1817. https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2008.01227.x

Carlson, S. M., & Wang, T. S. (2007). Inhibitory control and emotion regulation in preschool children. *Cognitive Development, 22*(4), 489–510. https://doi.org/10.1016/j.cogdev.2007.08.002

Clark, R., Menna, R., & Manel, W. S. (2013). Maternal *scaffolding* and children's social skills: A comparison between aggressive preschoolers and non-aggressive preschoolers. *Early Child Development and Care, 183* (5), 707-725. https://doi.org/10.1080/03004430.2012.685935

Deschênes, M., Bernier, A., Jarry-Boileau, V., & St-Laurent, D. (2014). Concordance between the quality of maternal and paternal parenting behavior within couples. *The Journal of Genetic Psychology, 175*(4), 346–362. https://doi.org/10.1080/00221325.2014.926264

Eisenberg, N., & Spinrad, T. L. (2004). Emotion-related regulation: Sharpening the definition. *Child Development, 75*(2), 334-339. https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00674.x

Eisenberg, N., Spinrad, T. L., & Eggum, N. D. (2010). Emotion-related self-regulation and its relation to children's maladjustment. *Annual Review of Clinical Psychology, 6*, 495–525. https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.121208.131208

Eisenberg, N., Taylor, Z. E., Widaman, K. F., & Spinrad, T. L. (2015). Externalizing symptoms, effortful control, and intrusive parenting: A test of bidirectional longitudinal relations during early

childhood. *Development and Psychopathology, 27*, 953-968. https://doi.org/10.1017/S0954579415000620

Jiang, Z., Liang, X., Wang, Z., Lin, Y., & Zhang, L. (2023). Intrusive parenting in early childhood: A review and meta-analysis. *PsyCh Journal, 12*(3), 335-354. https://doi.org/10.1002/pchj.637

Garner, P. W., & Hinton, T. S. (2010). Emotional display rules and emotion self-regulation: Associations with bullying and victimization in community-based after school programs. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 20*(6), 480-496. https://doi.org/10.1002/casp.1057 11

Graziano, P. A., Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2011). Sustained attention development during the toddlerhood to preschool period: Associations with toddlers' emotion regulation strategies and maternal behaviour. *Infant and Child Development, 20*(6), 389-408. https://doi.org/10.1002/icd.731

Gryczkowski, M. R., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2010). Differential relations between mothers' and fathers' parenting practices and child externalizing behavior. *Journal of Child and Family Studies, 19*(5), 539–546. https://doi.org/10.1007/s10826-009-9326-2

Howell, K. H., Barnes, S. E., Miller, L. E., & Graham-Bermann, S. A. (2016). Developmental variations in the impact of intimate partner violence exposure during childhood. *Journal of Injury and Violence Research, 8*(1), 43–57. https://doi.org/10.5249/jivr.v8i1.663

Huang, Q., Sun, J., & Tang, Y. (2021). Chinese parents' scaffolding and children's initiative in mother–child and father–child interactions across different types of problem-solving activities. *Early Education and Development, 32*(2), 249–271. https://doi.org/10.1080/10409289.2020.1752591

Huang, Q., Sun, J., Lau, E. Y. H., & Zhou, Y. (2022). Linking Chinese mothers' and fathers' *scaffolding* with children's initiative and mathematics performance: A moderated mediation model. *Early Childhood Research Quarterly, 59*, 74-83. https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2021.11.001

Mermelshtine, R. (2017). Parent-child learning interactions: A review of the literature on *scaffolding*. *British Journal of Educational Psychology, 87*(2), 241-254. https://doi.org/10.1111/bjep.12161

Meuwissen, A. S., & Carlson, S. M. (2015). Fathers matter: The role of father parenting in preschoolers' executive function development. *Journal of Experimental Child Psychology, 140*, 1–15. https://doi.org/10.1016/j.jecp.2015.06.010

Ribordy, S. C., Camras, L. A., Stefani, R., & Spaccarelli, S. (1988). Vignettes for emotion recognition research and affective therapy with children. *Journal of Clinical Child Psychology, 17*(4), 322–325. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp1704_4

Shields, A., & Cicchetti, D. (1997). Emotion regulation among school-age children: The development and validation of a new criterion Q-sort scale. *Developmental Psychology, 33*(6), 906–916. https://doi.org/10.1037/0012-1649.33.6.906

National Research Council and Institute of Medicine (2000). Acquiring self-regulation. In J. P. Shonkoff & D. A. Phillips (Eds.), *From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development* (pp. 93–123). National Academies Press.

Sobanski, E., Banaschewski, T., Asherson, P., Buitelaar, J., Chen, W., Franke, B., ... Faraone, S. V. (2010). Emotional lability in children and adolescents with attention deficit/hyperactivity disorder (ADHD): Clinical correlates and familial prevalence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 51*(8), 915-923. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2010.02217.x

Stern, M., & Hertel, S. (2022). Relationship between maternal *scaffolding* and preschooler's metacognitive strategies in a problem-solving situation. *Learning and Instruction, 80* https://doi.org/10.1016/j.learninstruc.2022.101631

Sun, J., & Tang, Y. (2019). Maternal *scaffolding* strategies and early development of self-regulation in Chinese preschoolers. *Early Child Development and Care, 189*(9), 1525–1537. https://doi.org/10.1080/03004430.2017.1395874

Tao, S., Lau, E. Y. H., & Hong, H. (2023). Parents' orientation to emotion, children's emotion regulation and internalizing behavior: A longitudinal mediation model. *Journal of Child and Family Studies, 32*(3), 812–823. https://doi.org/10.1007/s10826-022-02319-9

Valcan, D. S., Davis, H., & Pino-Pasternak, D. (2018). Parental behaviours predicting early childhood executive functions: A meta-analysis. *Educational Psychology Review, 30*, 607–649. https://doi.org/10.1007/s10648-017-9411-9

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Harvard Press.

Wood, D., Bruner, J. S., & Ross, G. (1976). The role of tutoring in problem solving. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 17*, 89-100.